

08-11-2024

A SIGILOSA NAVEGAÇÃO DE CABOTIÁ

Eguimar Felício Chaveiro

[Doutor em Geografia Humana - Livre-docente da UFG/Universidade Federal de Goiás]

Escrevi na década passada um ensaio com o título: *“a sigilosa navegação de Cabotiá”*. O texto, pelo que me lembro, é simplório, pouco ousado, incipiente. Curto e magro. Mas a sua elaboração, isto, sim, contou com o que é a condição de qualquer escrita: o trabalho fino da memória. A memória, essa fonte da história, da literatura – e de qualquer projeto de lucidez humana. Narrei no texto um fato de minha infância.

Um colega, razoavelmente triste, vizinho de nossa casa na Rua Carlos Gomes, Trindade-Go, roubava abóboras Cabotiá de seu próprio pai, um tal senhor Belarmino das Abóboras, assim chamado no registro popular de rua. Belarmino tinha uma chácara no município vizinho, Campestre de Goiás. Era uma chácara pequena, mas suficiente para que a plantação de abóboras Cabotiá, devidamente cuidada, provesse a sua família. Aquela dignidade de abóboras contava peito na verve popular. Todos que conheciam Belarmino das abóboras diziam *“ele é trabalhador”*. A casa da família continha um barracão de fundo onde se depositavam as abóboras, dezenas delas com cascas grossas de Jabuti. Atrás do barracão, um enorme lote baldio juntava lixo, algumas bananeiras, pés de romã e jabuticabas, além de uma mangueira mais velha que Matusalém. O meu amiguinho, filho de Belarmino, roubava algumas abóboras e corria para esse quintal bíblico. Com talhe cuidadoso, o filho de Belarmino retirava a casca das abóboras e com mãos artesanais transformava as cascas em pequenos navios, com os quais atravessava o mar do tempo, o mar do mundo da infância de pobres de Trindade-Go.

Ali poderia haver uma placa:

O tempo é um tecido de segredos. A memória é sua guardiã.

Eu não sabia decifrar com palavras o que sentia – e não sabia responder por que sentia admiração e amor pela navegação de Cabotiá. O contrato estava selado. Eu era um cúmplice de boca calada. Jamais falaria que o filho de Belarmino roubava o próprio pai em nome das caravelas de fantasia. Admirava os navios do amigo, pegava-os, fazia-os circular na fantasia marítima sem ainda conhecer presencialmente o mar.

Como agradecimento pelo objeto de brincar, além do contrato de cumplicidade, cumpria o que pede o ato de gentileza. Olhava para o amigo sem nenhuma pose para lhe dizer: *“seus navios são belos!”*. Eram belos naquele tempo de minha infância, agora são muito mais. Mais tarde, muito mais tarde, no grupo Arte do Afeto em que eu era membro, em oficinas de arte com portadores de hanseníase da Colônia Santa Marta, Goiânia-Go, a minha amiga Anggeluz ganhou um belo presente: um desenho com cores mal comportadas.

O desenho havia sido feito pelo Seu João, um moço que atravessou mais de (4) décadas aprisionado pela lepra que lhe comeu as pontas dos dedos. Anggeluz, com riso nos olhos e lágrimas enternecidas nas mãos, auferiu com coragem: *“foi a coisa mais bonita que vi na minha vida!”*. Aprendi ali: a estética é transgressora, não pode exilar-se da vida, nem ser apenas ornamento de parede. O que é belo sugere a justiça e não se rende ao lamento. Tocos de dedos, como o caso de Seu João, pintam, pintam e declaram o que decifrou Rubem Braga: a tristeza é um pecado venial. Saí da oficina com um lema: *vou botar cor no mundo!* Pois bem!

Recentemente, fui a uma feira de artesanato em Goiânia. De repente, alguém bateu em minhas costas e me interpelou: *“É você?”*. A memória, desviada de atenção, ficou vendo navios por alguns instantes, até que o velho amigo, da sigilosa navegação de Cabotiá, me devolveu instantes mágicos de minha infância. O velho amigo da infância, artista rebelde de Cabotiá, estava ali apresentando peças artesanais. Em poucos segundos, o meu cérebro navegou rumo ao coração. Contive as lágrimas para o sorriso sair certo. Abracei-o com a espontaneidade de uma criança. A conversa foi rápida. O velho amigo disse-me que o artesanato sustenta a sua família.

**Na despedida, o artesão de Trindade,
com riso marítimo no rosto curtido de tempo e sol,
me perguntou:**

***“você não contou para ninguém, não, né,
que eu roubava Cabotiá de meu pai?”.***

**Voltei calado para a minha casa com relativa
segurança: há roubos sagrados como há abóboras de
amor. As traquinagens da infância
podem mesmo cunhar o destino do artista.**

■ ■ ■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.